

Tempo Presente

tempopresente@grupoatarde.com.br

Index une verbos inovar e engajar

Rota de Engajamento, Vila do Crédito e Cubo de Inovação são as novidades da Index 2026, divulgada como a maior feira de indústrias do Nordeste, a ser realizada no Centro de Convenções da Boca do Rio, de 6 a 8 de maio, quarta a sexta da semana que vem.

Circuito interativo pensado para quem quer ir além da visita convencional, a rota de engajamento oferece desafios, experiências guiadas e interações estratégicas com expositores e parceiros.

Vila do Crédito é um espaço dedicado a orientar, esclarecer e conectar empresários a soluções financeiras mais adequadas para o crescimento do negócio buscando facilitar o acesso ao financiamento.

Já o cubo de inovação oferece ambiente exclusivo conectando a indústria tradicional a novos mercados, tecnologias e modelos de negócio, promovendo a inovação como eixo central da competitividade.

- O Index 2026 chega ainda maior e mais diverso, com aumento de 20% no número de expositores, ampliando a variedade de soluções, produtos, serviços e oportunidades de negócios para os participantes”, afirma o diretor técnico do Sebrae, André Gustavo.

Segundo André Gustavo, “o visitante terá mais opções de fornecedores, maior diversidade de segmentos e tecnologias e ampliação das oportunidades de parcerias e networking”.

Parceiro da Federação das Indústrias do Estado da Bahia (Fieb) na promoção da Index 2026, o Sebrae tem na superintendência, Jorge Khoury, dono de um currículo robusto como gestor, possivelmente o mais experiente em atividade, tendo atuado como secretário da Indústria e Comércio.

O resultado do entrosamento Fieb-Sebrae é a projeção de expressivo crescimento de 50% em expositores, visitantes e área, expandindo as oportunidades.

“Aqui no Brasil parece que a esquerda criou a noção de que trabalhar prejudica a criança”

ROMEUI ZEMA, pré-candidato à Presidência e ex-governador de Minas Gerais

“Defender o trabalho infantil é um ato de covardia”

GUILHERME BOULOS, ministro da Secretaria-Geral da Presidência da República

FOTO DO DIA



Clara Pessoa / Ag. A TARDE

CRIAR E INSISTIR | *Mãos constroem futuros enquanto a vida escapa pelos cantos da rotina. Linhas, tecidos e ideias se cruzam sobre a mesa como prova de que criar também é insistir, mesmo quando sobra pouco para viver do que se produz.*

Milton Santos 100 anos - o espaço e a ruptura com a Geografia Tradicional

Antonio Lobo

Professor da Ufba, doutor em Geografia Humana pela USP, pesquisador visitante na City University of New York (2020/22)

professorloboo@gmail.com

O livro *Espaço e Método*, publicado em sua primeira versão em 1985, é um clássico de Milton Santos, o autor constrói uma a ideia de método de análise como possibilidade crítica. Santos propõe um modo de pensar o espaço geográfico de forma crítica, histórica, dinâmica e relacional.

O ponto de partida do método está na rejeição da Geografia Tradicional, que, segundo Santos, era excessivamente descritiva, a crítica e fragmentada. O espaço era visto apenas como um cenário onde as ações humanas aconteciam. Santos rompe

com essa visão ao afirmar que o espaço é um produto social, ou seja, ele é construído pelas relações econômicas, políticas e sociais. Assim, o método analítico começa com uma mudança de postura: não basta descrever o que se vê, é preciso explicar por que o espaço é como é.

O autor organiza seu método em alguns princípios fundamentais. O primeiro é o da totalidade. Isso significa que o espaço

Milton Santos ensina a compreender o espaço como resultado de processos históricos e sociais complexos

não pode ser analisado em partes isoladas. O segundo princípio é a historicidade. Para Santos, todo espaço é resultado de processos históricos, ou seja, ele carrega marcas do passado que continuam atuando no presente. Essas permanências são chamadas de “rugosidades”, e ajudam a explicar por que certas estruturas ainda existem e com novas funcionalidades.

Outro princípio importante é a dialética. O espaço é marcado por contradições, como riqueza e pobreza, centro e periferia, desenvolvimento e exclusão. O método, portanto, exige que o pesquisador observe essas tensões e busque compreendê-las, em vez de ignorá-las. Santos destaca a relação entre forma e função. A forma corresponde aos elementos visíveis do espaço, como prédios, ruas e infraestrutura. Já a função diz respeito

ao papel que esses elementos desempenham na sociedade. O método exige que ambos sejam analisados juntos, pois a aparência por si só não revela o significado social do espaço.

Para Santos, primeiro, observa-se a paisagem, identificando seus elementos visíveis. Em seguida, é necessário questionar: quem produziu esse espaço? Para quem ele serve? Em que contexto histórico foi construído? Depois, essas informações devem ser relacionadas a processos mais amplos, como a economia e a política. Por fim, o objetivo é explicar o espaço, revelando as relações de poder e as desigualdades que o estruturam. Ele ensina a ir além da aparência e a compreender o espaço como resultado de processos históricos e sociais complexos, nos dando assim régua e compasso para desvendar máscaras sociais.

ESPAÇO DO LEITOR

opinioa@grupoatarde.com.br

☹ **Prisão perpétua para hediondos**
Sei que a pena máxima aplicada a um homicida é de 30 anos de prisão, segundo o Código Penal, embora para crimes hediondos — como sequestros seguidos de morte, terrorismo e crimes contra mulheres, idosos e crianças — essa punição possa ser ampliada. Acredito que o nosso país deveria adotar a prisão perpétua para criminosos reincidentes e executores de crimes bárbaros que chocam a opinião pública, mas sem recorrer à pena de morte, pois não podemos delegar ao Estado o direito de matar, igualando-o aos criminosos. Para tanto, precisamos oferecer aos infratores de primeira viagem a oportunidade de recuperação e reintegração social por meio de presídios decentes, dotados de oficinas de trabalho, bibliotecas, cursos médios e técnicos, além de infraestrutura esportiva, condizentes com uma nação que busca inserção no chamado primeiro mundo. O Brasil precisa reduzir drasticamente a escalada da violência urbana e rural, um trabalho hercúleo, mas gratificante se realizado sem produzir novas vítimas, visto que a atual ocorrência de crimes contra inocentes é absurda e inaceitável. **ARMANDO SÁ DE FÁRIA, ASFARIA41@GMAIL.COM**

☹ **Exclusão pelo emprego**
O Brasil frequentemente declara o desejo de

erradicar a desigualdade em discursos, campanhas e relatórios oficiais, celebrando estatísticas de crescimento e exibindo números de contratações como troféus, mas existe uma distância incômoda entre o que se declara e o que se pratica. Embora mais mulheres e pessoas negras ocupem vagas, sugerindo um país em transformação, a realidade revela salários menores, funções inferiores e reconhecimento limitado, provando que a porta até se abre, mas o lugar à mesa segue reservado para poucos, pois a desigualdade não desaparece, ela apenas muda de forma. Quem de fato emprega no Brasil não são os discursos institucionais,

Embora não seja capaz de ressuscitar os mortos, o dinheiro é o divisor de águas quando a saúde fraqueja e o tratamento urgente se faz necessário

mas os empresários — principalmente os micro, pequenos e médios —, ponto em que a realidade se impõe com força através de um filtro silencioso e invisível que seleciona quem serve baseando-se em preconceitos disfarçados de critérios, como aparência, jeito, sobrenome, endereço e cor da pele. Enquanto isso, os governos tentam corrigir o cenário com políticas públicas e incentivos, mas enfrentam a contradição de que quem ocupa os espaços de decisão muitas vezes reproduz a mesma lógica que diz combater, valorizando a aparência em detrimento da diversidade real. Fala-se em inclusão, mas mantém-se o padrão, empurrando minorias como pretos, gays, pessoas trans e pobres para trabalhos precários e instáveis, de modo que o subemprego surge não como um acidente, mas como um destino imposto em um país que cresce torto. Há mais presença, mas não há igualdade, pois o problema reside na qualidade das oportunidades e na forma como são distribuídas, em um movimento controlado que permite avançar, mas não alcançar ou ocupar de fato os espaços. Enquanto essa lógica for aceita, o combate à desigualdade seguirá sendo apenas um discurso, pois o Brasil precisa rever urgentemente quem escolhe e por que escolhe, uma vez que, entre o emprego e o subemprego, não existe o

acaso, mas sim uma decisão. **GREGÓRIO JOSÉ, GREGORIOJSIMAO@YAHOO.COM.BR**

☹ **Sem dinheiro não há felicidade**
Quem afirma que dinheiro não traz felicidade, com certeza, ou ignora a realidade ou desconhece as privações da escassez, pois, no mundo capitalista em que vivemos, o recurso financeiro é tão vital quanto o ar que respiramos, a água que mata a sede ou o alimento que sacia a fome. Embora não seja capaz de ressuscitar os mortos, o dinheiro é o divisor de águas quando a saúde fraqueja e o tratamento urgente se faz necessário, viabilizando o acesso aos melhores hospitais do país ou do exterior, enquanto, sem ele, o sofrimento torna-se inevitável para quem acaba morrendo no descaso das filas de regulação pública. Além de custear tratamentos essenciais para males contemporâneos como a depressão, a insônia e o estresse, o dinheiro potencializa a felicidade de quem goza de uma saúde de ferro, permitindo que se alcance a velhice com o conforto e a assistência necessários. No fim, a ausência de recursos condena o ser humano à invisibilidade e à vulnerabilidade, deixando-o desamparado à mercê das maiores dificuldades da vida. **CARLOS QUINTELA, CARLOSQUINTELA621@GMAIL.COM**